

Se quisermos festejar o Natal
de modo cristão, deve existir
em nós próprios um Pastor e um Rei.

Um pastor que ouve o que outras
pessoas não ouvem, e que
com todas as forças da dedicação,
mora logo abaixo do céu constelado;
a esse pastor, anjos anseiam por revelar-se.

E um Rei que distribui dádivas;
que não se deixa guiar por nada mais,
a não ser pela Estrela das alturas.

E que se põe a caminho,
para ofertar todas as suas dádivas
ao pé de uma manjedoura.

Mas além do Pastor e do rei,
deve existir também em nós uma criança,
que quer nascer agora!

R. Steiner



Aterceira Margem

edição 11 - 2006

editorial	02
na época de	02
margem aberta	03

nos bastidores	05
o que vai por aí	07
receitas de época	08

A “Terceira Margem”, um jornal cooperativo

Prof. Flavio Francisco Orlandi
professor de Matemática

Poder-se-ia pensar que todo ato ou empreendimento comunitário novo surja de um ideal que coloca à própria comunidade essa mesma empresa como uma tarefa. Para responder a essa tarefa, o nosso jornal deveria constituir-se como um veículo de manifestação da vida associativa de nossa escola.

Idealizar um jornal comunitário não é uma tarefa que deva ser desenvolvida por alguns poucos dos membros dessa respectiva comunidade. É necessário que essa tarefa alcance a todos os corações de nossa comunidade, como um pulso que alimenta e sinaliza a atividade de nossa própria vida escolar. Assim, a tarefa que nos foi colocada na idealização de nosso jornal, e que permanece em cada nova edição, é a da participação comunitária na sua consecução.

Em sua oitava edição, na época da Páscoa passada, nosso jornal adquiriu um formato que pretendia contemplar e enfatizar a tarefa de sua consecução comunitária. Aproveitando os formatos anteriores, acrescentou-se ao jornal duas novas colunas: “Margem aberta” e “O que vai por aí”. A primeira é tão sugestiva quanto a sua exata medida, ou seja, é um convite à comunidade para que ela se manifeste em toda a sua inteireza ou diversidade. É um espaço, uma margem aberta para aquelas manifestações que a comunidade entender como apropriadas: por exemplo, sugestões para uma reflexão filosófica, indicações de fatos ou acontecimentos relevantes à comunidade, autocríticas etc. A segunda, “O que vai por aí”, oferece um espaço para que a vida pulsante de nossa escola possa alcançar a todos, quer estejamos nos “pés” ou à “cabeça” de nossa escola, assinalando as atividades que foram desenvolvidas em cada parte de nosso “corpo” escolar ou que serão empreendidas.

Devemos nos lembrar de que o nosso jornal, podendo alcançar os membros de outras comunidades, ou mesmo aqueles “sem comunidade”, pode servir como um estímulo às novas adesões, tão fundamentais para o crescimento, a solidez e a permanência de nossa escola.



na época de ...

Sobre reis e pastores

Prof. André Toffoli Rodrigues
professor do 5º ano

As imagens de reis e pastores perfazem a consciência da humanidade há séculos. Não são apenas personagens da história ou de lendas infantis, são também arquétipos que revelam aspectos profundos da nossa alma. Vemos que há entre estes dois personagens uma polaridade; espero com este pequeno texto trazer uma imagem viva sobre a natureza destes arquétipos humanos.

Quem é um rei? Alguém que carrega em sua cabeça uma coroa. Esta coroa não é só símbolo material de poder, mas nos lembra a todos que o rei deve ser capaz de decidir, por seu juízo próprio os rumos a seguir. De suas decisões não depende apenas sua vida, ele tem o compromisso com seu povo, ele deve assegurar os direitos e o poder de seu reino. Deve receber para tal, instrução digna de um rei, deve ser capaz de compreender os fundamentos da cultura de seu povo, além da época em que vive. Deve ser instruído acerca das virtudes e fraquezas dos homens e das mulheres. Um rei deve conhecer profundamente o mundo, por tudo o que já se passou. Deve ser instruído e ter uma linhagem que lhe assegure a sabedoria, para que guarde e perpetue o passado, de modo que ele se faça vivo e novo no presente.

Um rei mago. A sabedoria de um rei é um ideal, uma realidade desejada no reino do espírito. Um rei mago, um rei que sabe ler as estrelas. O que vive nesta imagem? Os reis magos saem do Oriente (berço da sabedoria cósmica humana) e vão à procura de um menino que nasceu, conforme previsto nas profecias e revelado à sua própria visão espiritual. Têm que caminhar à noite (estão despertos), em meio a perigos. Não nos aproximamos de um rei se não tivermos viva a consciência de que este vive em meio às mais severas responsabilidades e que em solidão completa deve ser capaz de decidir. Por mais que esteja cercado de súditos e conselheiros, a responsabilidade será sempre sua. Será julgado pela sua sabedoria ou falta dela. Deve ponderar bem, tem que saber que todos os seus atos têm conseqüências, grandiosas muitas vezes, e não importa a boa intenção. Um rei tem que saber que mesmo o bem pode servir ao mal, e o mal pode servir ao bem, dependendo das pessoas e situação a que estão ligados. Quem já passou por experiências de comando e direção, tem uma pequena dimensão do que é ser um rei.

Estamos falando de reis que partem em viagem, guiados por uma estrela, para presentear uma criança recém-nascida: o rei dos reis, em Belém. Reis magos do Oriente, representantes da mais elevada sabedoria cósmica e humana, que se curvam diante de uma criança, aos pés de uma manjedoura. Seus presentes: ouro, mirra e incenso, três presentes, para receber uma alma santa.

Mas os pastores também vislumbraram a descida do Messias à terra. Um pastor não tem nada além do seu rebanho. Vive próximo dos animais, no grande reino do Pai, a natureza. Sabe onde beber água e encontrar comida para si e para seu



rebanho. Tem que vagar à procura de bom pasto, sem jamais se descuidar das ovelhinhas.

Por isso, à noite, enquanto todos dormem, tem de manter vigília. As ovelhas não dormem a noite toda, e a maioria dos animais selvagens passa a noite em claro, a caçar. Um pastor conhece a natureza em seus mínimos detalhes, de dia e de noite. E passa a noite debaixo do céu estrelado. Vê aquilo que os outros não vêem, pois quase nunca estão no conforto de seus lares. Os sentidos de um pastor tornam-se mais puros, também escuta o que a maioria nem sonha ouvir.

Quem já acampou dias seguidos, no meio da natureza exuberante e esteve horas a olhar o céu estrelado, vislumbra de relance o ser um pastor. Decerto um pastor não tem que receber muito estudo; sua família nem o deixaria ser pastor caso estudasse, poderia tentar outra coisa. Mas é claro que um pastor aprende muitas coisas. Dos mais velhos! Inúmeros detalhes da prática que aperfeiçoam esta rude profissão e ajudam a enfrentar a carga da vida. Mas aprendem mais é observando, se colocando do lado dos outros, dedicando-se. Não existe escola que forme pastores. Estes vivem entregues à vida, granjeando o presente, a cada dia e cada noite.

Por não terem estudo, pastores também não medem as palavras. Falam aquilo que passa em seu coração. Ora brigam, ora brincam, e estão sempre dispostos a uma boa estória. Têm tempo, quando não estão com fome ou sono. No fundo, não têm grandes responsabilidades, além daquelas para consigo e seus entes mais próximos. Pastores vivem no colo da mãe terra, recebem o mínimo que precisam e têm coração puro como o de crianças. Por isso perceberam a estrela e souberam encontrar o caminho que os levava ao divino menininho. Também levaram seus presentes.

Reis e pastores chegaram à casa da divina criancinha, essa talvez seja uma das mais singelas imagens do natal. Também nós somos ora reis ora pastores, também vemos no mundo pessoas que personificam a imagem de reis e de pastores. Para todos nós chegou o tempo de Natal, lembremos o que foi dito pelos anjos aos pastores:

“Glória ao Pai lá nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!”

Que todos encontrem em si o manancial para manter aceso o ânimo e a pureza do coração e a força e coragem para seguirem seus ideais. E com este espírito para prepararem seus lares para as crianças.

margem aberta

Sonho de uma noite de natal

Wilhelm Kenzler

Correndo, apressado — lá vai você —
ansioso, preocupado
Sombra solitária — lá vai você —
em meio a turvo burburinho
Semblante carregado — problemas —
coração apertado,
Tenso, doido doido — lá vai você —
perdido, sozinho.

Você não tem tudo, mas tudo te tem.
Entre tralhas e trecos, você vai e vêm.
Achando que falta — é pouco —
precisa aqueloutro, também,
E nunca chega a sentir que — de fato —
está bom, está bem...

Até que, sem saber bem porque existe,
Por fim, exausto, decepcionado, não resiste:
Resignado, triste, da busca sem fim, desiste.

Vazio o coração, se entrega à solidão;
Respira fundo, solta a sofreguidão,
Desanuvia o semblante -relaxa a tensão,
Deixa tudo pra lá -se abandona na escuridão.

Nada acontece, tudo esvanece,
parece que perece.
Você — sem alternativa — tudo aceita: a sorte,
a morte — a vida;
“Seja o que Deus quiser” —
murmura silenciosa prece.
Você descansa, não sabe se morre ...
ou adormece ...

No sono profundo, nos braços de Morpheus
Deus do sono — irmão menor da Morte —
você encontra ... Deus
Você sonha que d'Ele ganha lindo presente
Uma valiosa jóia querida,
que estava esquecida ... perdida.

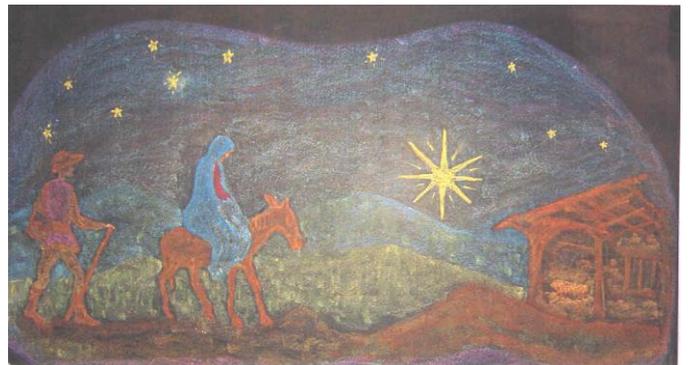


Ilustração: Desenho de lousa, Profa. Celina, 2º ano.

Ao acordar — surpreso, refeito, satisfeito ...
Procura curioso — quem foi que fez o feito?
Quem o deixou de novo, inteiro, perfeito?
Quem abriu para você a morada de seu peito?

Pleno o coração, o mundo todo seu irmão,
Amplia a respiração, colorida a imaginação
Na cabeça, luminosa fonte de criação,
O corpo — forte — pronto para a boa ação.

Como criança daquele antigo Natal — lindo
Você os presentes da vida vai abrindo
E você vai aos poucos — Você Mesmo — descobrindo
Seu Eu que nasceu na manjedoura do seu coração
Aquecido pelo sopro quente do seu pulmão
Iluminado pela estrela guia da sua missão.

Você compreende finalmente o Mistério do Natal
Seu corpo, sua vida é sua mãe — Maria — maternal
Sua fé, sua coragem é seu Pai — José — paternal
Sua força, sua bondade — os bons pastores —
cheios de energia
Sua profunda visão — os Reis Magos —
plenos de sabedoria
Sua consciência maior — seu anjo — sua estrela guia.
Presépio mítico: humano arquétipo: natalina alegria

Você esquecerá – em meio a cotidiana correria
Na perdida busca por perdida parceria
Ofuscado pelas luzes fugazes da mundana loteria.

Você esquecerá -esquecera que Você existia
Você – que é Ele – que em Você nascia
Na noite de Natal, o mais belo dia ...
Hoje, sempre, aqui e agora, já e ... todo dia.

Feliz Natal ... natal

Ano Novo ... novo ... feliz

Os três filhos do rei *

Era uma vez, um rei que tinha três filhos. Quando sentiu que o fim da vida se aproximava, ele chamou os seus filhos e disse:

- O fim do meu tempo se aproxima e assim o reino será dividido entre os três. Tu, o maior, que tanto amas a água, receberás as terras do oeste, onde o mar celeste toca o mar terrestre. Tu, meu segundo filho, que amas a terra verde e florida, com seus bichos e cristais, receberás o reino do meio. Tu, meu filho menor, que nos picos das montanhas mais altas admiras a primeira luz do sol nascente, deverás receber o reino do leste. Porém, meus filhos, deveis saber que virá sobre o meu reino uma época em que as estrelas não mais se espelharão no mar da Terra, em que o sol deixará de brilhar e a terra verde será coberta de um manto de gelo e neve.
- Então, deveis vestir as coroas e as capas reais, que sua mãe outrora tecera para vós, e sair pelo caminho até encontrar, nas trevas da Terra e na noite escura a Criança envolta pelo brilho da luz das estrelas. Se, a seguir, fizerdes o certo, as estrelas tornarão a se espelhar no mar terrestre, a luz do sol tornará a brilhar e a terra verdejante reflorescerá novamente.

E o rei entregou a capa do azul do mar celeste e do mar terrestre ao filho maior; entregou ao filho do meio a capa verde da terra e o menor recebeu a capa vermelha do sol nascente.

Pouco depois, o rei morreu e cada filho partiu para aterra que lhe fora destinada. O maior foi para o oeste, o menor ao leste e o do meio ao reino do meio.

Mas, como acontece, às vezes, os três pensaram que o pai, antigamente, reinava sobre estas terras todas e que, agora, cada um possuía apenas uma terceira parte do reino inteiro. E, assim, cresceram a inveja, o ciúme e o ódio no coração dos príncipes irmãos, e cada um decidiu, secretamente, atacar, com seus soldados, os dois outros para conquistar suas terras; lutar até ter reunido para si o reino inteiro do pai.

Mas, enquanto cresciam a inveja, o ciúme e o ódio em suas almas, ocupados com os preparos para a guerra, eles não perceberam como as estrelas empalideceram, como a força do sol diminuía e o frio aumentara. E houve uma noite em que o irmão do oeste estava na divisa da terra verde, o irmão do meio alcançara a terra do sol nascente e, enquanto isso, o irmão menor estava por pisar no país do irmão do mar terrestre e celeste.

Nesta mesma noite, que parecia não ter fim, nenhuma estrela brilhava no céu, um vento gelado soprava e a neve caía cobrindo a Terra. Eles esperaram muito tempo, mas a madrugada não chegou.

Esperando, na fria escuridão, eles se lembraram das palavras do pai e ficaram silenciosos. Cada um por si, envergonhado, voltou para seu castelo, trocou a armadura pela capa real, colocou a coroa na cabeça e novamente partiu, à procura da criança que, nesta noite escura da Terra, estaria envolta no brilho das estrelas.

E aconteceu um milagre: das suas coroas surgiu um brilho que iluminava seu caminho escuro e solitário. Depois de algum tempo, cada um podia ver uma suave luz aparecer ali, onde o céu e a Terra se tocam. E esta luz crescia. Algo começou a crescer também no coração dos três irmãos em seu caminho solitário. Eram perguntas tímidas e uma forte esperança. Cada irmão pensava consigo mesmo: "Será que meus dois irmãos também estão a caminho? Será que eles sabem que eu pretendia fazer guerra contra eles, para roubar-lhes as terras que herdaram do nosso pai? Será que eles também sentem tanta vergonha pela inveja, o ciúme e o ódio que causaram este frio terrível e a escuridão total do céu? Será que eles poderão me perdoar?"

E, outra vez, o milagre! Todos os três estavam pensando o mesmo e, quanto mais desejavam a reconciliação, tanto mais brilhavam suas coroas e crescia a luz prometedora no horizonte.

E aconteceu, então, o tão desejado momento em que os três príncipes irmãos, sem perceberem um ao outro, enxergaram a grande estrela na escuridão da noite terrestre. Chegando perto dela, no centro da estrela estava uma criança bem mais jovem que eles e, mesmo assim, que lhes era bem familiar, pois tinha os traços do seu pai. No mesmo momento, os três irmãos se prostraram diante da criança, colocaram as coroas aos seus pés e clamaram, simultaneamente, como se fosse uma boca só falando:

- Sejas Tu, agora, nosso Rei, ó Criança com o rosto do Pai, Irmão Celestial. Eu quero Te servir!

E, no mesmo momento, cada um dos três irmãos, percebeu as duas coroas dos outros e, cheios de alegria pelo feliz reencontro, levantaram-se e abraçaram-se. Mas, quando queriam dirigir-se novamente ao Irmão Celestial, este havia sumido e, com ele, a grande estrela. Porém, em seu lugar apareceu, no céu do oriente, a estrela D'Alva, com claridade plena. O céu corou como um mar de rosas, o sol levantou e um vento caloroso fez derreter a neve e o gelo. A inveja, o ciúme e o ódio já foram esquecidos; o frio, a neve, o gelo e a noite desapareceram. Mas os três irmãos, juntos, foram para o castelo do Pai e reinaram unidos sobre todo o reino.

E, se não morreram, ainda vivem em nossos dias.

* Este conto para a Epifania foi escrito por Lúcia Wachsmuth, para a Comunidade dos Cristãos na Suíça. A tradução é de Leonore Bertalot. Observação: esta história é mais indicada para crianças de 10 ou 11 anos.



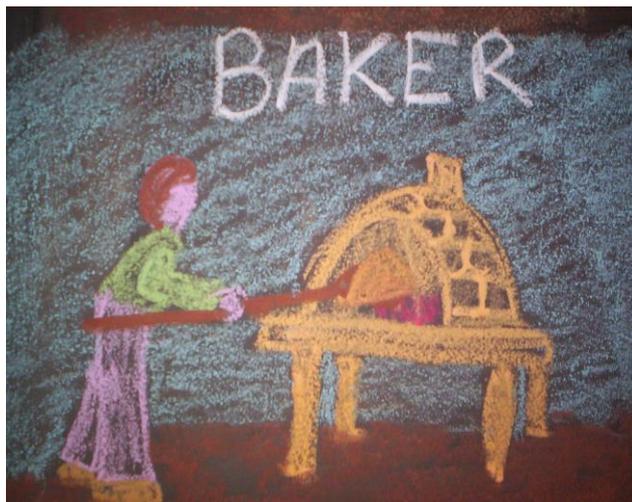
A deliciosa padaria do 3º ano

Giovana
aluna do 3º ano

Primeiro chegaram as mães
os pais e os filhos também,
brincando e fazendo pães,
e pizzas de alguém.

Na padaria tem
tomate, queijo e massa,
tudo que faz bem,
para quem assa.

A massa parecia batata
mole, amarela e macia.
Quando assava,
queimava a bacia.



Notícias do mato 3

Prof. André Toffoli Rodrigues
professor do 5º ano

“... a gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. justo pelo motivo da intimidade. (...)”

Prosseguimos com nossa coluna ecológica com as últimas notícias do universo que se passaram no quintal da nossa escola. Primeiro as mais visíveis, pois quantas vezes precisamos dar notícia do que se passa bem adiante de nossos narizes para que nossas vistas vejam e enxerguem o que está evidente. Este é um mistério conhecido desde os filósofos gregos.

- *Bem visível:* as flores da acácia, à beira do caminho de pedras. Reparem só como são belas. Quem atravessa uma tempestade aqui na escola e sabe como é, vê nelas uma beleza ainda diferente. *A sutileza resistindo à força;* as flores da acácia continuam lá, intactas, mesmo depois de uma chuva violenta. Se tiver um tempinho, veja como são diferentes as flores desta árvore. No cacho são lindas, individualmente, de perto, são bastante excêntricas.
- *Visível a quem tem um tanto de coragem:* no fim do ano o clima nos impressiona com suas manifestações. A tempestade é um espetáculo de força da natureza. É tão gostoso estar em casa, num lugar quentinho em um dia assim, que às vezes nem dá coragem de olhar pela janela. Mas quem enfrenta uma chuva forte de raios, não tem como ficar alheio às forças da natureza. Sente seu esplendor, como pode ao mesmo tempo ser suave e assombroso.
- *Seguem outras notícias sobre o que é visível só para os mais curiosos, como as crianças:* há um ninho de beija-flor todo pequenininho, cheio de líquens, em uma árvore ainda baixa, perto do estacionamento, ao alcance da vista de todos. Imaginem com aquelas tempestades, os dois filhotinhos no ninho... Como fiquei preocupado com eles! Continuam lá! Quem quiser que veja.
- *Quem viu?* As crianças dão notícia da existência de um grande teiú (lagarto) na construção. Seu tamanho varia conforme o narrador. Eu mesmo, infelizmente ainda não o vi.
- *Dos passarinhos:* as aleluias são pequenos insetos alados que saem em belas revoadas, como se surgissem de um ponto na terra. Quando perdem as asas viram cupim. Na época de Micael, quem ficava no fim da tarde na escola, avistava revoadas de aleluias. Os alunos de manhã encontravam centenas de asinhas marrom-claro no chão. Quando se vê uma revoada de aleluias, logo surgem dezenas de passarinhos no céu... Hora do banquete, é lindo de se ver.

E um desengonçado pica-pau ficou preso na sala do 2º ano, tivemos um trabalhão para conseguir levá-lo até o vão do telhado, para, enfim, fugir.

Já está quase pronto o ninho do João-de-Barro no poste vizinho à escola (como demora!). Próximo a ele na garagem há vários ninhos dentro do oco dos tijolos da parede.

- *Plantando para nós e as futuras gerações:* o pomar que foi plantado no jardim já deu algumas frutas: siriguelas, amoras, araçás e goiabas ... Deleite para poucos, ainda. O papiro plantado pelo quinto ano - 2006 cresceu muito bem e, quiçá, poderá ser aproveitado pelo próximo quinto ano, na época de história do Egito, para fazer papiro. Estamos plantando nosso bosque de árvores nativas, desde já agradecemos a colaboração inestimável dos “Amigos da Natureza”, 4º ano, e todos parceiros desta empreitada, em especial o “vô Benjamim”, que doou as mudas.

Enfim, para encerrar esta coluna e legitimar sua importância, segue um poema de Manoel de Barros:



Ilustração: Ramayan, 3º ano.

Memórias Inventadas

Manoel de Barros

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão,
 tipo água, pedra, sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas.
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos, mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas, mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios

“Um dia me chamaram primitivo.
 Eu tive um êxtase ...”

A época da Grécia

Andréa Turchetti Pinto de Moura
 professora de Educação Física

No 5º ano os alunos vivenciam em uma das épocas, a Grécia, suas histórias, músicas e costumes.

Neste panorama grego, na Educação Física, mergulhamos nos exercícios gregos, que são: lançamento de dardo e arremesso de disco, salto em distância, luta e corrida. A vivência destes movimentos faz com que os alunos percebam que a ênfase é na beleza e harmonia do movimento e não na competição.

É com este espírito que ao final desta época, realizamos as “Olimpíadas”.

O “I Jogos Gregos do Interior” realizou-se com muito sucesso na cidade de Botucatu, no dia 7 de outubro de 2006, na escola Aitiara. Participaram deste primeiro evento os alunos de Bauru, Botucatu, Campinas, Florianópolis e Ribeirão Preto.

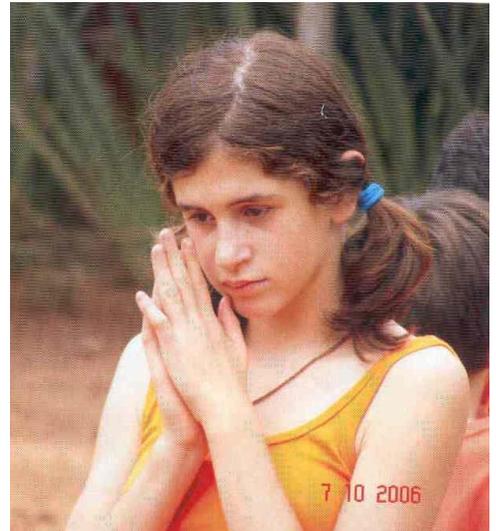
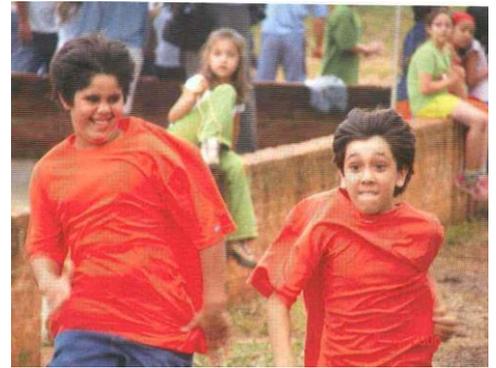
Cada professor de classe dividiu seus alunos em cinco cidades-estado: Esparta, Atenas, Olímpia, Corinto e Maratona; cada cidade-estado era composta por alunos de todas as cidades, o que integrou de forma muito gostosa todos que participaram. Cada aluno teve a oportunidade de realizar três vezes cada movimento.

No final de todas as provas, todos os participantes foram contemplados com uma coroa de louro.

A emoção de ver crianças tão empenhadas e felizes, realizando seus movimentos, acredito que não foi só minha e, sim, de todos que participaram de alguma forma deste I Jogos Gregos do Interior.

Na bagagem de volta trouxemos uma experiência positiva e a alegria que esta viagem nos propiciou.

Agradeço imensamente a todos os pais que nos acompanharam, a todos os pais que torceram por nós, a todas as pessoas que de alguma ou muitas formas ajudaram para que este evento fosse possível e agradeço principalmente ao Professor André, por ter concordado em levar a classe, ter trabalhado com eles de forma tão peculiar esta época, e assumido comigo este I Jogos Gregos do Interior.



I Encontro de Artes em Botucatu

Ângela Raeder Pinto Porto Serra
professora de Inglês e de Artes

Nos dias 2 e 4 de novembro, por iniciativa da Escola Aitiara, aconteceu o I Encontro de Professores de Artes e Trabalhos Manuais. Nossa escola foi representada pelas professoras Ângela e Rosana, que participaram na área de Trabalhos Manuais.

O encontro foi muito enriquecedor, com palestras sobre a História da Arte e troca de experiências.

Em dias longínquos
o espírito terreno
dirigiu-se ao espírito do céu.
Suplicando, então, falou:
“Sei falar com o espírito humano,
mas peço-lhe dar-me aquela língua
pela qual o coração do mundo
fala ao coração do homem.”
Foi, então, que o bondoso espírito celeste
Deu ao suplicante espírito terrestre, a arte.

Rudolf Steiner

Viagem para a Serra do Mar

Senia Vives Reñones
mãe Thiago do 4º ano

A viagem para a Serra do Mar tinha como proposta: o aprofundamento do estudo de História, matéria que os alunos estão estudando nesta época. No 4º ano, os alunos estão estudando História do Brasil, e dentro de toda a riqueza de nossa história, eles estudaram os Bandeirantes, como foi visto na apresentação do 4º ano, na Festa Semestral, com a peça sobre Raposo Tavares.

As crianças estavam empolgadas com a viagem, como sempre que fazemos algo que “foge” da rotina, e ainda mais com a perspectiva de passar várias horas dentro da Mata Atlântica, caminhando, explorando e conhecendo mais a fundo a fauna e a flora daquela região.

A viagem de ônibus foi de aproximadamente 2h e 30 min. Quando chegamos, tivemos as três ingratas surpresas: chuva, neblina e bastante frio.

Os guias do local nos informaram que não poderíamos fazer o passeio a pé, já previamente combinado, pois a chuva nos impedia de realizá-lo. Informaram-nos, então, que teríamos de fazê-lo de ônibus. Vocês podem imaginar a reação das crianças, ficaram muito desapontadas, e alguns com carinha de choro, alguns disseram que iam descer a pé de “qualquer jeito”.

Assim sendo, dirigimo-nos para uma construção relativamente grande, que tem a finalidade de receber os visitantes. Dentro da construção havia toaletes, uma pequena lojinha para a compra de lembranças e até de capas de chuva, para o caso de algum desavisado. E o mais interessante, uma maquete de toda a região, dos primeiros caminhos que os bandeirantes criaram para poder circular pela região, e que cortavam toda a mata, as enormes tubulações que saíam da hidrelétrica e levavam energia para toda a cidade de Cubatão, que se encontra aos pés da Serra.

Bem, continuando, após um breve lanche, tivemos a benevolência do tempo, e fomos premiados com a interrupção da chuva, e decidimos, então, fazer o passeio a pé com as crianças, os professores e as mães, acompanhados por dois guias que se dispuseram, um à frente do grupo, e o outro atrás. Este momento compensou o caminho de asfalto por entre a mata, de vista magnífica, mas que deixava de atender à expectativa até de um “rapel” na imaginação de algumas crianças.

A todo momento, os guias nos passaram informações sobre a história do local, descrevendo as construções que se encontram ao longo de toda a caminhada, onde havia uma vista privilegiada da Mata Atlântica, com as inúmeras espécies nativas da região. Uma criança disse, em um dado momento, apontando para a mata, “olhem!! igualzinho ao desenho que a profª Tiseko fez na lousa da classe esta semana”, e todos os alunos concordaram que a professora havia conseguido desenhar com precisão a mata que as crianças estavam tendo o privilégio de ver ao vivo.

Nesse passeio tivemos o prazer de ver algumas construções com azulejos antigos; esses azulejos são pintados à mão, e ao se unirem, formam desenhos, que retratam a história do local, como por exemplo, a aristocracia, os bandeirantes, os escravos etc.

Em uma certa altura, os monitores permitiram que todo o grupo descesse um pequeno caminho por dentro da serra, por um caminho de pedras (bastante escorregadias). Esse caminho tinha mais de 200 anos, e as crianças ficaram realmente impressionadas, imaginando como era a subida e descida dos tropeiros, da aristocracia e da gente daquele tempo por aquele caminho.

A viagem foi muito agradável, as crianças aproveitaram a proposta, e nós agradecemos a todos que trabalharam para que isso acontecesse.



Ilustração: alunos do Jardim



Ilustração: alunos do Jardim

“Panetone Italiano Recheado”

Ingredientes

- ✓ 500 g de farinha de trigo especial
- ✓ 2 ovos
- ✓ 3 claras (“pincelar”)
- ✓ 2 colheres (sopa) de raspas de laranja
- ✓ 2 colheres (sopa) de raspas de limão
- ✓ 1 colher (sopa) de leite em pó
- ✓ 20 g de fermento biológico para pão
- ✓ 10 g de sal marinho
- ✓ 90 g de açúcar
- ✓ 1 copo de água

Modo de fazer

Fermento: misturar um pouco de farinha a um pouco de água e juntá-los ao fermento e deixar que a mistura cresça até que se forme uma “esponja”.

Massa: adicionar sobre a farinha de trigo o fermento levedado, o sal, os ovos, a manteiga e o leite em pó, misturando-os com a farinha, e adicionar a água morna aos poucos para obter-se uma mistura homogênea; sová-la levemente por alguns minutos; cobri-la e deixá-la “descansar” por 20 minutos aproximadamente. A massa não deve ficar muito dura nem muito mole.

Recheio: abrir a massa em forma retangular, espalhar a manteiga sobre a massa e depositar sobre ela os biscoitos champanhe, as nozes, as uvas passas, as cerejas e o chocolate; enrolá-la em forma de cilindro de um lado até a metade da massa e repeti-lo do outro lado; unir suas partes internas, colando-as com a clara de ovos. Pincelar clara de ovo para escurecer o pão. Acrescentar sobre ele parte do recheio. Parti-la em três partes e colocá-las nas formas de papel. Deixar a massa crescer antes de levá-la ao forno, assando-a em fogo médio por 35 minutos.

Recheio

- ✓ 100g de manteiga
- ✓ 100g biscoito champanhe picado
- ✓ 200g de nozes picadas
- ✓ 100g de uvas passas
- ✓ 100g de cerejas picadas
- ✓ 100g chocolate amargo picado

Rendimento

- ✓ 3 pães em forma de papel

“Biscoitos da Ana Maria”

Ingrediente

- ✓ 2 xícaras (chá) de farinha de trigo
- ✓ 1 colher (sopa) de fermento
- ✓ 1 colher (chá) de sal
- ✓ ¾ a 1 xícara (chá) de creme de leite fresco
- ✓ 3 colheres (sopa) de açúcar

Modo de fazer

Peneirar a farinha, o fermento e o sal. Adicionar o creme de leite e o açúcar, aos poucos, e misturar. Enfarinhar uma superfície para abrir a massa com um rolo e cortá-la para dar forma aos biscoitos. Asse em fogo alto por 15 minutos.

Rendimento: 20 biscoitos.



Coordenação geral
Colaboradores

Flavio Francisco Orlandi e Vera Lúcia de Oliveira
Regina M. Lapadula Gomes, Giovana, aluna do 3º ano, André Toffoli Rodrigues, Andréa Turchetti Pinto de Moura, Ângela Raeder Pinto Porto Serra e Ana Maria Salvagni.
Flavio Francisco Orlandi

Diagramação
Ilustração
Revisão
Tiragem

Tiseko Yamaguichi
200 exemplares - distribuição gratuita

Boletim informativo da Escola Associativa Waldorf Veredas

rodovia campinas-mogi mirim, km 1155 – caixa postal 7012 – campinas-sp – cep 13076-970 - 193262-1377
www.escolaveredas.com.br